

O Padre Leonel Franca e a modernidade no Brasil¹

João Augusto Anchieta Amazonas Mac Dowell²

1. PARA INÍCIO DE CONVERSA, PODERIA DIZER ALGO SOBRE QUEM FOI O PE. LEONEL FRANCA: ALGUNS DADOS DE SUA VIDA, DE SEU ITINERÁRIO HUMANO, INTELECTUAL E RELIGIOSO?

Sim, é importante, para aquilatar o papel desempenhado por Leonel Franca quase 100 anos atrás, recordar alguns dados de sua vida, hoje conhecidos de poucos. Ele nasceu em São Gabriel, RS, em 1893, onde se encontrava provisoriamente sua família, que era baiana. Passou sua infância em Salvador e fez seus estudos secundários, como interno, no então famoso Colégio Anchieta de Nova Friburgo, RJ, dirigido pelos padres jesuítas. Aí conheceu a Companhia de Jesus, na qual ingressou em 1908. Sua formação religiosa e intelectual começou no Brasil e prosseguiu em Roma, onde estudou Filosofia e Teologia na Universidade Gregoriana.³ Antes ainda de seu curso de Teologia, no período experimental de docência no Colégio Santo Inácio do Rio de Janeiro, como resultado de suas aulas, publicou, em 1918, a obra *Noções de História da Filosofia*, que conheceu ao menos trinta e cinco edições e à qual acrescentou, pouco depois, um longo apêndice sobre *A Filosofia no Brasil*, especialmente do século XIX, primeiro estudo sobre esse tema em toda a literatura nacional. Esse estudo deu-lhe a oportunidade de conhecer a evolução do pensamento filosófico no Brasil.⁴

Seu feitio intelectual era, pois, marcado pelo neotomismo romano, uma das correntes mais rigorosas do movimento de volta ao pensamento de Tomás de Aquino, promovido anos antes pelo papa Leão XIII. Isso não o impediu, porém, de entrar em contato, como mostram os seus livros, com ideias mais recentes, por exemplo, de F. Charmot, em pedagogia, Ch. Dawson, no campo histórico, Y. de la Brière, em questões político-sociais, sem falar da renovação filosófico-teológica estimulada pelo Cardeal Mercier, na Universidade Católica de Louvain, ou promovidas por M. Blondel e pelo neotomismo francês, aberto a um diálogo com o pensamento moderno, com figuras como E. Gilson e J. Maritain. Ele teve seu ponto alto na discussão sobre a possibilidade de uma Filosofia cristã, envolvendo os filósofos mais em evidência no momento na França.⁵

Ao voltar ao Brasil, em 1924, concluída a sua formação básica, como doutor em filosofia e teologia, segundo as normas da época, fixou-se no Rio de Janeiro desde 1927, depois de breve

1 Questões elaboradas Geraldo De Mori.

2 In memoriam. Filósofo, professor na FAJE.

3 Lima Vaz, Henrique Cláudio de. Uma Filosofia Cristã da Cultura: Leonel Franca. In *Síntese Nova Fase*, v.22 n.71 (1995), p.441.

4 Lima Vaz, Henrique Cláudio de. Leonel Franca e a Cultura Católica no Brasil. In *Síntese Nova Fase*, v.25, n.82 (1998), p. 320.

5 Idem, p. 322.

período como professor na Faculdade de Filosofia dos jesuítas em Nova Friburgo. Chegou já como autor conhecido também pela volumosa obra: *A Igreja, a Reforma e a Civilização*, de cerca de 470 páginas, publicada já em 1923, e escrita, em meio a seus estudos universitários em Roma. Essa obra é, sobretudo, uma refutação da ideia, ecoada então no Brasil, de que o Catolicismo, ao contrário do Protestantismo, era um fator de atraso das nações. O padre Franca julgou importante enfrentar o movimento, hoje mais conhecido como evangélico, que, depois da Proclamação da República, começava a se proliferar no Brasil. Dedicou à mesma questão ainda três livros nos anos seguintes.

Isso revela um dos traços característicos de sua atividade intelectual, não só a sua intensidade e fecundidade, mas a preocupação pelos problemas então emergentes na sociedade brasileira. É assim que, nas suas publicações e conferências, se volta também para o problema do *divórcio*, título de um de seus livros (1931), tema muito discutido na Constituinte de 1934. Aborda também a questão da educação, tanto em geral, como da educação religiosa nas escolas, influenciando nos debates sobre o assunto nas Constituintes de 1934 e 1946.⁶ Além da obra *Ensino religioso e ensino leigo*, também de 1931, foram publicadas, nas suas obras completas sob título *A Formação da Personalidade*, trinta e cinco conferências que fez entre os anos de 1929 e 1938 sobre o assunto. A questão da fé, candente para a intelectualidade da época, foi objeto de sua *Psicologia da Fé* (1932), completada pelo livro póstumo *O problema de Deus*. Publicou, finalmente, a *Crise do Mundo Moderno* (1941), sua obra principal, uma filosofia cristã da cultura, sua resposta à problemática de seu tempo, que gozou de cinco edições no Brasil, uma em Portugal e duas em língua espanhola.⁷ Apesar da cardiopatia, que o afligiu durante toda a vida, foi leitor incansável, de uma erudição extraordinária, numa época em que não se colhiam informações pela Internet, e o próprio conhecimento e a aquisição de livros estrangeiros, abundantemente citados em suas obras, eram dificultosos. Leonel Franca não foi propriamente um filósofo original, mas um divulgador em alto nível e de extraordinário senso de oportunidade do pensamento cristão de maior qualidade em sua época. Publicou 12 livros, mas suas Obras Completas correspondem a 14 volumes, incluindo conferências e textos deixados em manuscrito. Faleceu no Rio de Janeiro em 1948.

2. UMA VEZ LI, NÃO SEI ONDE, QUE DENTRE OS INTELECTUAIS JESUÍTAS BRASILEIROS DO SÉCULO XX, DESTACAM-SE: PARA A PRIMEIRA METADE DO SÉCULO, O PE. LEONEL FRANCA, E PARA A SEGUNDA METADE, O PE. HENRIQUE DE LIMA VAZ. SEM QUERER DIMINUIR A IMPORTÂNCIA DE LIMA VAZ, QUE DEIXOU UMA OBRA FILOSÓFICA EXTRAORDINÁRIA, QUE CONTINUA SENDO REFERÊNCIA NA FORMAÇÃO DAS NOVAS GERAÇÕES, A QUE SE DEVE ESSE DESTAQUE DO PE. LEONEL FRANCA? PODERIA FALAR ALGO DA ÉPOCA EM QUE VIVEU, SOBRETUDO DO TIPO DE CATOLICISMO NO QUAL FOI FORMADO,

6 Cf. Lima Vaz. Uma Filosofia Cristã da Cultura, ob. cit., p. 442.

7 Uma análise detalhada dessa obra encontra-se no artigo que vem sendo citado, Lima Vaz, Uma Filosofia Cristã da Cultura.

QUE O TORNOU REFERÊNCIA NO ITINERÁRIO ESPIRITUAL DE MUITOS INTELLECTUAIS E ESCRITORES BRASILEIROS DO PERÍODO EM QUE VIVEU?

A comparação com Henrique de Lima Vaz é justificada, se considerarmos a produção de cada um em si mesma, sendo até favorável a este último. Mas o destaque de Leonel Franca na vida intelectual brasileira na primeira metade do século XX, é incomparável. Não se limitou ao universo da cultura católica, mas conquistou um posto importante no universo cultural profano, sendo seu nome conhecido pelos bem pensantes em todo o Brasil. Embora esta fama na época venha mais de sua polêmica com o Protestantismo, não é aí, mas na análise da cultura do tempo, que se baseia a sua preeminência e a influência que teve no destino da Igreja e do próprio país. Grande parte dos intelectuais de sua época tinha perdido a fé de sua infância devido aos ensinamentos preponderantes do positivismo de A. Comte ou do materialismo propagado sobretudo pelo biólogo evolucionista Ernest Haeckel, então famoso.⁸ Mas surgia na intelectualidade francesa um clima novo, de inspiração católica, com os poetas Charles Péguy e Paul Claudel, os escritores Jacques Rivière e Ernest Psycari, o filósofo Emanuel Mounier e os neotomistas Étienne Gilson e Jacques Maritain, em geral convertidos.⁹ No Brasil acontecia algo semelhante, provavelmente como réplica do exemplo francês, sobretudo de Maritain. Sob a liderança de Jackson de Figueiredo, juntaram-se no Centro Dom Vital, apoiados pelo Cardeal Dom Sebastião Leme, figuras como Alceu Amoroso Lima, Hamilton Nogueira, Sobral Pinto e Jonatas Serrano, entre outros. Padre Franca tornou-se logo, por seus escritos e conferências, mas também pelos Exercícios Espirituais oferecidos anualmente, orientador desse grupo de intelectuais católicos que começava a despontar pela primeira vez no cenário cultural brasileiro, com repercussões em São Paulo, Minas Gerais, Porto Alegre e Recife.¹⁰ Mas sua atuação teve grande incidência também na cultura em geral. Por meio de seus seguidores, influenciou decisivamente, sobretudo na questão do divórcio e do ensino religioso, como já foi dito, as Assembleias Constituintes das Constituições de 1934 e 1946. Suas conferências atraíram personalidades de proa como o ex-presidente Epitácio Pessoa e Pandiá Calógeras que fora ministro em vários governos republicanos. Muito respeitado pelo ministro Capanema, foi membro do Conselho Nacional de Educação desde sua fundação, em 1931, até sua morte.

3. ALÉM DE TER ACOMPANHADO PERSONALIDADES QUE MARCARAM O ITINERÁRIO INTELECTUAL DO BRASIL E DO CATOLICISMO, PE. LEONEL FRANCA ESTÁ NA ORIGEM DA FUNDAÇÃO DA PUC RIO. PODERIA FALAR ALGO SOBRE A FUNDAÇÃO E IMPORTÂNCIA DA PUC RIO?

A PUC do Rio de Janeiro, primeira universidade católica do país, é certamente a obra mais importante de Leonel Franca no campo da Educação. Decidida pelo Primeiro Concílio Plenário do Episcopado Brasileiro, a criação de uma Universidade Católica no Rio de Janeiro,

8 Lima Vaz. Leonel Franca e a Cultura Católica no Brasil, op. cit. p. 320.

9 Idem, p.323.

10 Ibidem.

o Cardeal Leme confiou-lhe a tarefa de executar essa resolução. Sob a denominação de Faculdades Católicas e tendo o Padre Franca, como Reitor, apesar de sua saúde já bastante debilitada, começaram a funcionar em 1941 os cursos das Faculdades de Direito e de Filosofia, que abrangia, além da filosofia, seis outros cursos, correspondentes aos atuais Departamentos de Letras, História, Geografia, Sociologia e Educação. Foram em pouco tempo criadas outras Faculdades como a Escola Politécnica, ou agregadas, como a Escola de Serviço Social. Por decreto do presidente Getúlio Vargas, de 1946, as Faculdades Católicas foram reconhecidas como Universidade, que um ano depois recebeu da Sagrada Congregação de Seminários o título de pontifícia. A PUC alcançou rapidamente grande prestígio e expansão pela qualidade de seu corpo docente, excelência da formação proporcionada e ambiente cordial entre os alunos. Seu pioneirismo em todo o Brasil deu-se particularmente nas décadas de 60 e 70, com a implantação da Reforma Universitária e a transformação da estrutura da Universidade em três centros, que substituíram as antigas Faculdades, Teologia e Ciências Humanas (CTCH), Ciências Sociais (CCS) e Técnico-Científico (CTC), abrigando os Departamentos de cada área. A Universidade deixou de ser apenas uma escola de formação profissional para tornar-se um centro de pesquisa com seus programas de Mestrado e Doutorado e com inovações tecnológicas sobretudo nas áreas de física e informática, inaugurando em 1960 o primeiro computador de grande porte nas universidades do País. Atualmente está entre as 5 ou 6 melhores Universidades do país, a primeira ou segunda entre as particulares, conforme os critérios adotados para o ranking das escolas superiores. Nem por isso ela deixa de abrir-se para as classes economicamente menos favorecidas, com uma alta porcentagem de alunos bolsistas e serviços sociais eficientes, que oferecem sobretudo a jovens de ambos os sexos novas oportunidades de formação humana e profissional e a elevação na escala social. Embora tenha uma clara dimensão social, a Universidade, preocupada com a excelência acadêmica, talvez não tenha ainda alcançado satisfatoriamente, o objetivo, certamente complexo, que norteou a sua fundação, ser um instrumento para a difusão da cultura cristã no país.

4. EM 2022 COMEMORAMOS O CENTENÁRIO DA SEMANA DE ARTE MODERNA, QUE FOI COMPREENDIDA DE MUITAS MANEIRAS POR SEUS INTÉRPRETES. NO CONTEXTO DA SEMANA E DO QUE SE SEGUIU A ELA, COMO O SENHOR VÊ A RELAÇÃO DO CATOLICISMO COM A MODERNIDADE NO PERÍODO EM QUE VIVEU E ATUOU PE. LEONEL FRANCA?

Não sei se Padre Franca tomou posição explícita em relação à Semana de Arte Moderna, da qual parece não falar em seus escritos. É sabido que ela não teve logo a repercussão e a importância que lhe é conferida hoje. Entretanto, Alceu Amoroso Lima, em artigo de 1939, atribui ao ano de 1922, em particular à Semana de Arte Moderna, o início mais do que simbólico no Brasil, que completava também o Centenário de sua Independência, de uma reação política, literária e espiritual à mentalidade naturalista imperante no fim do século XIX e na República Velha.¹¹ Chama a atenção para o paralelismo e os laços recíprocos que mantêm o

11 Amoroso Lima, Alceu de. A reação espiritualista. In: *Leonel Franca (1893-1948). Bibliografia e Estudos críticos*, Centro de Documentação do Pensamento Brasileiro, 2010.

modernismo estético e literário e a “modelagem espiritual da nova geração”, na qual desempenhou Padre Franca, ao lado de Jackson de Figueiredo, um papel decisivo. E conclui:

Há, portanto, um laço profundo entre as três manifestações do mesmo espírito conscientemente renovador e inovador, que animou, de modo violento e radical, os meios políticos, intelectuais e espirituais brasileiros ao terminar a guerra de 1914. Este foi o choque social necessário, como que a explosão de um cartucho de dinamite na rocha do conformismo histórico, para fazer passar as águas represadas no fundo das consciências (LIMA, 2010, p. 19).

Também conforme escreve alhures Lima Vaz, a

Semana de Arte Moderna” de São Paulo foi o início de uma nova fase da cultura brasileira, a primeira vez que teve lugar uma reflexão propriamente dita sobre a própria experiência, portanto, uma filosofia brasileira, não apenas uma filosofia no Brasil, já que filosofar consiste, segundo o dito de Hegel, em captar o seu tempo no conceito (VAZ, 1991, p. 685).

Os princípios da filosofia de Leonel Franca não partem certamente de sua experiência da realidade nacional, mas de uma assimilação da visão cristã do mundo formulada na tradição europeia. Como assinala o título de sua obra principal, *A crise do mundo moderno*, Franca tem uma atitude crítica em relação à modernidade. É o conflito entre o pensamento cristão e a cultura laica que se desenvolve desde o Iluminismo do século XVIII. O espírito da modernidade, que se estabeleceu efetivamente na Europa com um viés globalizante, é essencialmente antropocêntrico e, como tal, oposto a uma concepção cristã da realidade. Nesse sentido, sua obra tem um caráter apologético. Isso não significa que Padre Franca fosse contrário ao progresso da ciência e da técnica, trazido pela modernidade ou na organização das comunidades humanas em Estado democrático de direito, respeitoso da dignidade da pessoa humana. É o que mostra, por exemplo, seu livro *A Igreja, a Reforma e a civilização*, cuja finalidade é justamente demonstrar, contra a interpretação então corrente entre os adeptos do protestantismo liberal, que o Catolicismo, não é fator de atraso, mas, pelo contrário, de avanço numa civilização verdadeiramente humana. É claro, entretanto, que ele pertence ainda a uma geração anterior ao diálogo do pensamento cristão com a modernidade, que começava então a despontar e se desenvolveu na linha avançada da filosofia e teologia católica no clima cultural do pós-guerra, e teve sua consagração no Concílio Vaticano II. É importante, porém, notar, como mostra também Lima Vaz, que a crítica de Leonel Franca não assumia a feição pessimista, própria de grande parte da literatura de crise, comum no intervalo entre as duas guerras, mas, ao contrário, uma atitude de esperança no retorno de um humanismo cristão. É o que propõe na terceira e última parte de *A crise do mundo moderno*. É significativo para a penetração de suas análises, que De Lubac, em seu livro famoso *Le drame de l'humanisme athée*, de 1945,

tome como objeto de sua refutação os mesmos autores, Comte, Marx e Nietzsche, em que Leonel Franca se fixara no seu estudo da modernidade mais de dez anos antes.¹²

5. O SENHOR PODERIA COMENTAR ESSA FRASE DO PE. LEONEL FRANCA: “COM O ABSOLUTO NÃO SE REGATEIA. QUEM NÃO DEU TUDO AINDA NÃO DEU NADA”?

Creio que a expressão se encontra num diário espiritual de Padre Franca. Trata-se, portanto, de uma atitude para com Deus. Ela indica que a vontade de Deus é o elemento decisivo em nossas escolhas. Corresponde ao sentido de nossa vida, expresso no “Princípio e Fundamento” dos *Exercícios Espirituais* de Inácio de Loyola: “[...] desejando e escolhendo somente aquilo que mais nos conduz ao fim para o qual fomos criados”, ou seja, “louvar, reverenciar e servir a Deus, nosso Senhor” (EE 23). Evidentemente essas escolhas se referem a todos os aspectos de nossa vida, inclusive à atividade intelectual. A frase, conforme é formulada já na sua primeira parte, exprime isso de maneira vigorosa, pelos termos “absoluto” e “regateia”. Indica que não se pode relativizar a vontade de Deus diante de qualquer valor criado, como a vida, a saúde, a honra e a posse de bens de qualquer natureza, materiais ou espirituais, regateando, i. e. oferecendo a Deus outra coisa, que não o que ele pede. A segunda parte da frase traduz em outras palavras a mesma ideia. Além de notável penetração nos meandros da psicologia humana, ela demonstra a importância do discernimento espiritual, de procurar e encontrar a vontade de Deus em qualquer situação humana, uma das marcas mais características da espiritualidade inaciana. Foi o que viveu intensamente Leonel Franca, como atestam seus escritos e o testemunho de seus contemporâneos, apesar de sua saúde delicada. Todas as suas realizações, a grandeza da obra que deixou, não foi senão a resposta, humilde e agradecida, ao amor de Deus, no serviço incondicional a Ele e ao próximo.

REFERÊNCIAS

LIMA, Alceu Amoroso. A reação espiritualista. In: *Leonel Franca (1893-1948). Bibliografia e Estudos críticos*, Centro de Documentação do Pensamento Brasileiro, 2010.

VAZ, Henrique Cláudio de Lima. Uma filosofia cristã da cultura: Leonel Franca. *Síntese Nova Fase*, v. 22 (1995), p. 441-452

VAZ, Henrique Cláudio de Lima. Leonel Franca e a cultura católica no Brasil. *Síntese Nova Fase*, v. 25 (1998), p. 317-328.

12 Cf. Lima Vaz. Uma filosofia cristã da cultura, op. cit., p. 448.